



ESTADÃO BROADCAST

MERCADO FINANCEIRO

NILTON HORITA

Estratégia do governo começa a dar resultado

Tranquilidade já domina os negócios em todo o País; Bolsa fechou em alta de 4% ontem

A linha de defesa do real estruturada sobre a política monetária e a paz dos últimos dias no mercado internacional estão dando seus primeiros resultados. Abriram espaço, por exemplo, para o surgimento de especulações positivas diversas, principalmente em relação às medidas fiscais que estão sendo encaminhadas pelo governo.

De concreto, existe a perspectiva do leilão de privatização da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL), hoje. Em três dias de definição da nova TBC, que elevou o juro anual para 43%, houve alta contínua das ações e queda das projeções futuras de juros e dólar.

A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) fechou ontem com alta de 4%, acumulando cerca de 15% de valorização desde o fechamento do pregão de quinta-feira, dia da divulgação da elevação dos juros de 1,58% para 3,05%, pelo Comitê de Política Monetária.

As projeções de juros refletidas nos contratos futuros negociados na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) mostram também que o mercado financeiro começou a trabalhar com a expectativa de queda da TBC já em dezembro. Ontem, o futuro de juros para o mês que vem foi cotado a 2,67%, ante os 3,05% de TBC para novembro.

Essa premissa foi elaborada por alguns analistas do mercado a partir do resultado da recusa do Banco Central em vender papéis federais no leilão realizado ontem. Nessa versão, o mercado teria solicitado juros mais altos do que o governo estava disposto a pagar pelos lotes de papéis ofe-

recidos, provocando dispersão das taxas oferecidas.

Ao recusar as ofertas, o governo criou ambiente para estimular idéias de que o juro pode começar a cair no mês que vem, embora de forma lenta e gradual. Segundo o diretor financeiro de um grande banco de varejo, porém, houve problemas no leilão de ontem.

Essa instituição, tradicional comprador de papéis do governo, por exemplo, não participou do leilão. Outro grande comprador de títulos perdeu o prazo de inscrição das propostas. O resultado foi que o volume de ofertas pode ter ficado aquém do desejado pelo governo.

Na visão desse dirigente financeiro, há um certo aborrecimento dos administradores dos bancos pelos efeitos decorrentes da elevação dos juros na carteira de títulos.

Repete-se à exaustão, no mercado, que ainda é cedo para tirar conclusões a respeito das novas tendências em

formação para os preços dos diferentes ativos da economia. Também é prematuro para apagar os prejuízos da lembrança dos executivos do mercado. Depois da agonia da semana passada, porém, o mercado deu sinais, ontem, de tentar começar a viver de novo. Não deixa de criar um ambiente mais favorável.

O principal executivo da área de finanças de um grande banco americano lembra que o mercado ainda está refém de vários fatores externos, fora do controle do governo. "A reação do mercado é equivalente a uma declaração de confiança dos gestores de

fundos em relação ao futuro; não deixa de ser assim", afirma.

Ele admite que é grande a confiança em que o governo vai finalmente conseguir deslanchar para algumas vitórias na área fiscal, seja cortando gastos, seja elevando a arrecadação ou aprovando medidas no Congresso. Esse conjunto de medidas seria suficiente para compensar o custo da política monetária. "Está tudo bem, mas o ponto chave será a reação dos investidores internacionais", afirma o executivo.

Em outras palavras, se o governo conseguir avançar no lado fiscal, como parece disposto a fazer, terá condições de configurar um

País menos vulnerável à volatilidade dos mercados internacionais, o que permitiria a volta do apetite dos financistas estrangeiros em comprar papéis brasileiros.

O aperto da política monetária está provocando reavaliação sobre alguns fundamentos da economia brasileira para melhor, o que é natural.

Todas as instituições reduziram suas projeções de déficit da balança comercial para este ano, que passou para um número próximo de US\$ 9 bilhões. Haverá ganhos, também, no déficit de conta corrente, por causa da melhora na balança, mas também pela redução dos gastos com viagens internacionais.

Por fim, foi bem recebida pelos analistas a confirmação do programa de privatizações pelo governo. É grande a curiosidade a respeito do ágio sobre o preço mínimo no leilão da CPFL. O preço das ações da Eletrobrás subiram, ontem, mais de 6%.

MERCADO
FUTURO DE
JUROS JÁ ESTÁ
EM 2,67% PARA
DEZEMBRO,
ANTE 3,05% DA
TBC ESTE MÊS